

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/99- ANO III - Nº 35

EDITORIAL

Vivemos os últimos dias deste século. Envolvidos pelo espírito festivo e de confraternização que caracteriza o Natal, sentimo-nos privilegiados por poder testemunhar a chegada do ano 2000, evento histórico que se repetirá só daqui a mil anos. O século que se finda, o XX, foi um dos mais profícuos da história da humanidade. Foi o século da velocidade, de descobertas e de grande avanço nas ciências, que trouxeram inúmeros benefícios para o homem. Foi também um dos períodos da história em que o homem mais se voltou contra o próprio homem e contra a natureza. O desrespeito e as desigualdades sociais se ampliaram e, se por um lado a humanidade cresceu e se desenvolveu, houve um empobrecimento moral e espiritual.

É Natal! À parte de tudo isso, não podemos nos esquecer do verdadeiro significado da data, que está além e acima de convenções e tradições humanas. Um menino nasceu. Ele é o homenageado. É sinônimo de esperança. Ele é o presente de Deus para o homem. Tudo que Ele representa é que precisa ser lembrado.

O Natal é também uma época para reflexões e tomada de decisões. Somos levados a fazer uma profunda análise sobre o que foi este século e nossa passagem por ele, e pensarmos as nossas conquistas e perdas. A partir de então, somarmos esforços para o nosso aprimoramento social, visando a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Estas reflexões, no período de festas natalinas, deverão ser feitas com propostas de mudança. Mudança que deverá ocorrer individualmente, após exame de consciência. É preciso nos penitenciarmos de nossas omissões e desamor e até quanto estamos deixando de ser cristãos. É preciso que erros do passado não se repitam no futuro. Novos rumos e objetivos deverão estar diante de nós.

Que o espírito envolvente do Natal nos una na Paz, Fraternidade e Amor, para iniciarmos o próximo século repletos de realizações, espelhados no Menino. Boas Festas!



Grupo Vocalis no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa", no dia 11-12-1999.

Bons propósitos!

Jeremias, menino, riu. Era muito novo, não tinha o dom da palavra. Não poderia levar a cabo a missão que o Senhor lhe queria confiar.

Se alguém, divino ou humano, dissesse ao Gandhi pubescente que, sem disparar um tiro, quebraria todas as cadeias que a Inglaterra havia imposto à Índia; ao Mandela adolescente que, resistindo em clima de paz, reduziria a cacos a prepotência ariana, com certeza, receberia como resposta o riso de Jeremias.

Em Pentecostes, a infusão dos dons transformou os doze – do primeiro ao último, de André a Matias – em apóstolos. Até aí tinham sido apenas aprendizes. Com medos e dúvidas. O “ide e pregai” deixou de ser uma incógnita para virar realidade.

Crianças, jovens, adultos e velhos, todos estamos vivendo um momento de perplexidade. Chovem questionamentos sobre o que nos reserva o novo milênio.

Por que uma grande cisão exatamente agora? O natal do Menino foi uma grande cisão. Mas outra grande cisão veio em 1453, no meio do milênio, pela mão dos turcos. E se considerássemos o calendário judaico? Poderíamos afirmar que outras tantas cisões se deram em princípio de milênio? Qual a importância do número mil? Quando exatamente começa e termina um milênio?

A história, a escrevemos nós. O caminho da humanidade é uma perene descoberta.

Desde que o homem se sentiu homem diante de natureza e de outros homens, começou a aventura dos “grandes descobrimentos”. E a corrente não tem fim. A cada passo se acrescenta um elo. E a comunicação globalizada cria um torvelinho de descobertas que pipocam por toda a Terra.

O homem pára, se analisa e se lembra daqueles mesmos dons que os apóstolos de Jesus receberam.

Sabedoria, inteligência, ciência, conse-

lho. O homem se conhece, conhece o semelhante, se situa no tempo e no espaço, traça rumos. Constrói, destrói, equilibra. Reconhece erros, corrige, planeja. Analisa a natureza. Vê que é parte dela e retifica o significado de dominação.

Piedade, fortaleza e temor de Deus. O homem entende a etimologia de comiseração – todos somos limitados e sujeitos às forças da natureza e da vontade do próprio homem. Um raio pode matar tanto quanto a arma de um tirano. O homem faz das tripas coração, luta, reluta, desiste, renasce das cinzas. Olha para dentro de si, vê que é muito grande, vê que é muito pequeno, age, implora ajuda. Sente que é digno, justo, coerente e produtivo render graças. Distingue glória de vanglória.

Dons nós todos recebemos. As medidas variam.

Quando sentimos uma foça estranha empurrando para a atividade, para uma tarefa, para uma missão, é o dom tomando forma. Se estamos prontos, bem. Se não estamos prontos, abrimo-nos ao conhecimento, preparamo-nos.

A proposta do Senhor a Jeremias soou extemporânea. Mas os dons já estavam nele. Era como aquele “mulher, ainda não é chegada a minha hora”.

Então vamos desenrolar o ciclone, vamos produzir energia elétrica aquecendo água como os vulcões do fundo do oceano. Podemos. Vamos proteger as nascentes, vamos conservar a mata ciliar, vamos cercar com inteligência as nossas florestas. Podemos. Vamos garantir para todos os homens, “comiséráveis”, alimentação, vestuário, moradia, educação e saúde – dignidade. Podemos. Vamos transformar nossos dons em propósitos.

Bons propósitos! **Abigail Lea da Silva**

Imagem - Memória



“Batismo” do Campo do Piquete Futebol Club, em 27-11-1921.

A origem do futebol em Piquete

Ao Brasil o futebol chegou no final do século passado e tornou-se paixão nacional. Aqui este esporte é mania. Não há quem não sinta o coração acelerar quando vê entrar em campo a seleção canarinho. No entanto, a origem deste esporte é muito antiga.

Conta-se que na China, já no ano 2600 a.C., praticava-se um jogo de bola com os pés. Sabe-se que os gregos antigos praticavam um jogo semelhante ao futebol: “epyskiros”. Os romanos conheciam “harpastum”, que os legionários de Júlio César levaram às ilhas britânicas. Na Idade Média florescia, na Itália, o “calcio”. Assim, pode-se afirmar, com certeza, que o futebol, como competição esportiva e jogo, faz parte da cultura do homem.

Em nosso país, os primórdios do futebol datam de 1894, quando Charles Miller, paulista filho de ingleses, retornou da Inglaterra com duas bolas, procurando

conquistar os ingleses residentes em São Paulo para o novo esporte. Mas, só a 15 de abril de 1895 é que foi realizada a primeira partida no solo brasileiro. O primeiro campeonato – ainda em escala estadual – foi organizado em São Paulo, em 1902. O esporte logo se popularizou, ganhando o interior de nosso Estado.

A Piquete o futebol chegou nos primeiros anos deste século.

Na década de 10, a rapaziada “batia bola” num trecho da Avenida Major Pedro conhecido como largo da Primavera (próximo onde hoje é a fábrica de plásticos J. Armando). Em 14 de dezembro de 1914, um grupo de rapazes se reuniu na estação ferroviária Rodrigues Alves e criou o Esporte Clube Estrela. A princípio jogavam num campo improvisado, próximo ao rio Piquete, onde hoje é a rua Expedicionário Genésio Valentim Corrêa. Anos mais tarde, foi construído o

Campo do Estrela, todo gramado, com arquibancadas, na área da Fábrica.

Em 27 de novembro de 1921, foi criado o Piquete Futebol Club, no bairro do Poço Fundo. Seu campo era de terra batida e localizava-se onde hoje se encontra o Restaurante do Gaúcho. Não tinha arquibancada e a torcida se arranjava pelos barrancos e encostas próximas. Na tarde de sua inauguração, toda a sociedade piquetense se fez presente: o prefeito, o padre, os vereadores, a dona do Hotel das Palmeiras, comerciantes e parte da população. Era para dar solenidade ao evento. A partir daí, acirraram-se as rivalidades entre os moradores do Poço Fundo e da Vila, que eram estrelinos. Rivalidade sadia que durou até o início dos anos quarenta, quando o campo do Piquete Futebol Clube foi cortado pela Rodovia Lorena Itajubá.

Time que participou da inauguração do campo do Piquete Futebol Clube, em 27-11-1921.



O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Neto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Joaquim Vaz

Joaquim Vaz dos Reis Filho nasceu no bairro rural de Pedra Preta, próximo de Campos Novos de Cunha, em 30 de junho de 1913. Fez seus primeiros estudos em uma escola criada pelo Barão da Bocaina, existente na Fazenda Água Santa Rosa, em que seu pai trabalhava.

Até os vinte anos de idade trabalhou na roça, mudando-se, então, para Campos Novos, onde trabalhou em um armazém. Ainda em Campos Novos, chegou a trabalhar no cartório da cidade: "Quando o escrivão faltava, fazia as anotações de nascimentos e de óbitos."

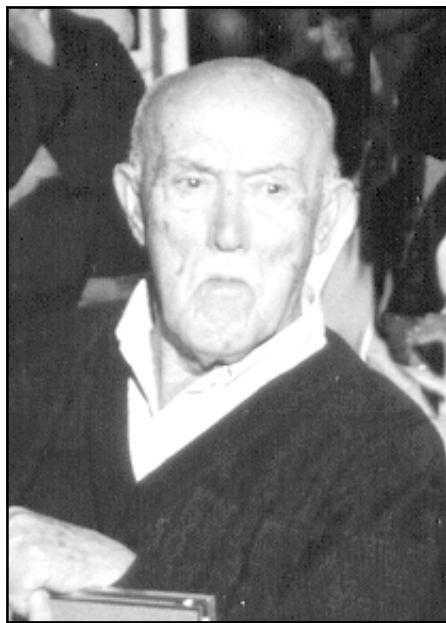
Em 1933 chegou a Piquete, onde já residia seu irmão Manuel, ocasião em que trabalhou como servente de pedreiro.

Ingressou na Fábrica de Pólvora e Explosivos, em 1937 e, com apoio do Sr. Luiz Vieira Soares conseguiu transferência para a Tesouraria, trabalhando como auxiliar de escritório, cargo que ocupou até sua aposentadoria, em 1963.

Constam de sua ficha funcional muitos elogios e uma condecoração com uma medalha de honra ao mérito por serviços prestados.

De formação religiosa, o Sr. Joaquim Vaz pautou sua vida sob os ensinamentos da doutrina cristã, sempre se dedicando às causas da Igreja. Ainda em Campos Novos de Cunha ajudava nas cerimônias religiosas, na matriz de Nossa Senhora dos Remédios. Chegando a Piquete, ingressou na Congregação Mariana e na Conferência Vicentina, tornando-se secretário e presidente.

Em 1964, tornou-se presidente da Legião de Maria, cargo que exerceu por longos anos. Visitar doentes e rezar o terço todas as noites nas casas das famílias tornou-se uma prática constante. No anonimato, com amor, carinho e dedicação, Seu Joaquim Vaz



trabalhou em prol da imprensa católica. Como agente de publicação, contribuiu para que folhinhas (do Sagrado Coração de Jesus), jornais (O Santuário) e revistas (Família Cristã) chegassem periodicamente às residências. Humilde e dedicado, de porta em porta ia Seu Joaquim levando as "Boas Novas" para os lares piquetenses.

Foi casado com a Sra. Guiomar Nunes Mineiro dos Reis e tem três filhos: José Vaz, Maria Aparecida e Paulo César. Em reconhecimento ao seu trabalho pela nossa comunidade, foi agraciado com a outorga do título de Cidadão Piquetense, em maio de 1997.

Reside há muito tempo no bairro da Caixa D'Água, onde goza de grande popularidade, sendo por todos conhecido e estimado.

Seu Joaquim Vaz é exemplo de trabalho e amor cristão que deve ser imitado.

Rumo ao Novo Milênio

O ano de 1999 chega ao término. Com olhar esperançoso à luz da retrospectiva, podemos assegurar que foi um ano diferente dos passados. Do ponto de vista pessoal, todos empreenderam os maiores esforços para enaltecê-lo em todos os segmentos. Um ano de vitórias, mas também de marcas indelévels à história brasileira.

Notícias preocupantes. Para lê-las, ou escutá-las, basta observar os jornais de cada dia, ver a televisão ou ouvir o rádio... o país está entregue ao controle econômico internacional.

A injustiça em nossa pátria é reflexo do descaso com que são tratados os mais desprovidos, os excluídos, do elementar à sobrevivência. Cresce o desemprego, pais e mães de família desesperados quando se vêem postos na rua. Violência entre jovens que não enxergam um futuro mais esperançoso. Exploração e drogas correm soltas. Há um clamor na distribuição da terra, na área da saúde, no campo educacional, na corrida pela alimentação, na busca da assistência previdenciária, nos direitos e nos deveres recíprocos. Conscientizar governos e governadores ao empenho da cidadania nacional é o caminho a ser trilhado.

Há muito individualismo generalizado. É uma das marcas do tempo atual. Estamos mais abertos para o consumo de bens imediatos do que para o serviço despretensioso. Tudo é privatizado! Parece até que a caridade já não é um bem de todos, nem preocupação de cada um por todos.

Quer queiramos ou não, o mandamento do amor faz parte da vida pública e social. Empenhar-se e organizar a solidariedade, a compaixão para com os pobres excluídos, é a dimensão política da caridade mais urgente do que nunca. Devem-se buscar as causas da exclusão e não apenas atenuar seus efeitos. É preciso encontrar saídas à situação de pobreza disseminada.

Muitos sonhos por dias melhores e muitas promessas faraônicas ficaram às margens das prioridades de direito do povo brasileiro.

Respostas poderiam ser dadas, mas não são convenientes aos donos do poder. É preciso ter coragem para mudar as estruturas determinantes através de ações concretas junto aos segmentos excluídos da sociedade. Acreditamos que é preciso dedicar esforços em nosso cotidiano, buscar melhorar as condições de vida para a maioria da população.

Precisamos acreditar nos sinais visíveis do nosso tempo. O verdadeiro Sinal, Jesus Cristo, há de iluminar a todos. A todos, independente da situação vivencial, Deus oferece a sua misericórdia, o seu perdão. Neste contexto, Natal quer ser o nascimento da justiça, da paz, do amor. Nascer com ele, todos os dias da vida, é amar a Deus e ao próximo. É tempo de mudar! **Ermelinda Gonçalves Uchoas**

Grupo de funcionários da Tesouraria da Fábrica. À direita, o Sr. Joaquim Vaz.



Foto arquivo Pro-Memória

Há 50 anos



Foto arquivo Pro-Memória

Alunos do Ginásio da Fábrica Presidente Vargas. Ao centro o Prof. Lutgardes de Oliveira.

Há exatamente cinquenta anos concluímos o curso ginásial como primeira turma do novel e prestigioso Ginásio da Fábrica Presidente Vargas, fruto de uma idéia luminosa de piquetenses e militares da alta hierarquia da Fábrica. Os piquetenses, no caso, eram principalmente senhoras mães de família preocupadas com o futuro de seus filhos, vivendo um mundo de mudanças sensíveis no após Segunda Guerra Mundial, para um século XX que afinal se esboçava e delineava, resultante de duas grandes guerras, suas destruições, carnificinas e símbolos de progresso marcados nas contradições nelas contidas. Os militares sabiam, por meio dos conhecimentos estratégicos e históricos, que dispor de mão-de-obra, paz social, progresso e ordem eram eles adequados para ligar-se e, por meio deles, chegar à sociedade e à nação. As idéias positivistas das quais eram caudatários apontavam os caminhos, e a era Vargas, na sua mais completa acepção, tinha no assistencialismo sua relação mais profunda.

O projeto

A idéia concretizada era uma continuação de um projeto educacional já iniciado com as escolas profissionalizantes. Estas, para os rapazes, especificamente produtivas da mão-de-obra requerida pelas oficinas, a atividade agrária; e para as moças, os ofícios e as artes do lar, em labores da gestação do núcleo da família como ideal da filosofia estadonovista já em desagregação política. Mas os valores permanentes da civilização cristã transposta para os trópicos norteavam a visão de oficinas e lares bem estruturados no trabalho, na união como força, nas atividades compartilhadas, no fordismo e tailorismo como normas: cada um na sua função, oficinas cheias, homens e máquinas em atividade frente a frente. O trabalho compartilhado e segmentado, a mão-de-obra especializada: nas bancadas de montagem a cada um a sua tarefa. O previdencialismo oficial, a garantia do pão, o lazer sadio, a educação integral, a moradia assegurada, a aposentadoria, as pensões, os esportes da mente sã em corpo sã, o triunfalismo dos desfiles cívicos, as

hierarquias: um modelo em alto nível de concepção. Estamos considerando o meio do século num país que antevia o progresso industrial e das técnicas e procurava o modo nacionalista de resolver esse problema.

O nosso ginásio

O nosso ginásio era o símbolo de todas essas idéias vistas de forma acadêmica, isto é, à busca de uma fórmula intelectualizada de formar líderes e profissionais do saber culto para as atividades da burocracia, da criatividade e da inteligência.

Fazer a carreira militar na Academia era uma tônica importante para muitos rapazes. Formar quadros profissionais para a educação, as artes, o comércio eram finalidade importantes para muitos outros, e para as moças, como um bom motivo para freqüentar as aulas. Para estas, até a possibilidade de um bom casamento se revelava. Afinal, uma família moderna era o desejo de pessoas julgadas esclarecidas.

Nosso ginásio foi um modelo especial no qual não somente as aulas acadêmicas aconteciam, também as profissionalizantes e artísticas.

O cultivo dos esportes, levado a sério, representava uma grande ocupação dos idealizadores.

Os professores, todos bem escolhidos, tinham no mestre Lutgardes de Oliveira o diretor empolgado pela idéia, pois ela lhe alimentava os ideais humanitários, além dos intelectuais, bom professor que era, acima de tudo.

Nossos professores

Empolgou-me ouvir numa das cerimônias hollywoodianas de entrega de prêmio Oscar a citação que George Lucas, criador e diretor do filme "Guerra nas Estrelas, o famoso Star Wars", fez ao receber a famosa láurea do cinema aos professores que abriram seus caminhos e objetos de sonhos. Referiu-se, particularmente, à primeira professora, a das primeiras letras. Reconhecido, ofereceu a ela e a eles a distinção da qual se tornava proprietário por merecimento.

Citar nomes sempre é difícil, pelas traições da memória. Entretanto, alguns

registros sempre têm para nós significado mais forte. Portanto, Mr. Borgia e Dona Maria del Pilar, minhas homenagens! Professores exigentíssimos, de cobrança vigilante e continuada, obrigavam-nos a estudar todos os dias e a ficar extremamente atentos a cada minuto.

Alguns alunos praguejavam com mais evidência. Muitos pais preocupavam-se com os filhinhos exauridos nos estudos até tarde da noite, ausentados das ruas, das diversões dos cinemas, festas e bailes. Queriam ver estes mestres pelas costas, e o conseguiram. Uma pena!

Mas que bom efeito tiveram! Quem quis, e até quem não queria muito, aprendeu um bom inglês, um bom francês e um bom latim. Serviram-nos todos, de maneira muito eficiente. A matemática do professor Lutgardes nos tomava mais lógicos e racionais, e ele, com toda a sua candura, também nos cobrava a boa aprendizagem. "Seu" Lutgardes era mais brasileiro, enquanto os dois acima citados, europeus, faziam-nos ver, de olhos vigilantes, que bem levar os estudos era magnitude elevada à máxima potência.

Outros tantos professores exigiam mais e menos, mas a todos presidia o espírito do trabalho, o mais bem feito, na medida das forças. Poderia citar muitos outros como o professor Antônio César Dória em suas aulas de desenho e artes plásticas a apostar em nós, outros artistas, e a perenizar no gesso nossos arremedos nas pranchetas com modelagem em argila. Assustava-me, às vezes, minha incompetência nas atividades manuais da marcenaria e da oficina de "brincadeiras" mecânicas. Mas, afinal, a educação tinha de ser integral. E aos sábados, pela manhã, estávamos nas oficinas de trabalhos manuais.

O professor Pedro Mazza queria-nos atletas, e, às vezes, tentávamos de fato, superando nossas limitações, alcançar esse objetivo. Nos desfiles da semana da Pátria lá estávamos exuberantes nos nossos uniformes, disciplina, organização, passo certo, e muitas bandeiras, bandas e fanfarras! Competitivos em tudo, os esportes extravasavam as maiores ansiedades. Tínhamos período integral de atividades lúdicas e de estudo e alimentação balanceada. Dispúnhamos de biblioteca, rádio escolar e cantina. Nosso ginásio, hoje sei, mais do que nunca, foi um dos melhores, não só o do Brasil, mas do mundo. Quando tomo conhecimento das melhores estruturas educacionais do chamado Primeiro Mundo, reconheço o modelo no qual estudei em Piquete, particularmente no Ginásio da FPV, e a ele volto a cada momento, como fonte imperecível de motivações, exemplos e referências. Quando Mr. Borgia nos analisava em seu pretensão laboratório de Psicologia e traçava nossos perfis, enviados para casa em envelopes lacrados, que nós mesmos entregávamos, estava, com certeza, dotado do poder dos deuses premonitórios em seus oráculos de Delfos. O que escrevia, não sei, mas posso intuir. **Dóli de Castro Ferreira**

ESPAÇO INTEIRO-AMBIENTE

Uma colcha de retalhos

Luiz Flávio Rodrigues

O ensino é uma grande colcha de retalhos multi-colorida que envolve todas as disciplinas. Não se aprende Matemática sem aprender Português (senão, como interpretar um problema?), ou Geografia sem passar pela História. Ciências então nem se fale. Física é irmã e filha da Matemática, Biologia e Ecologia são primas da Química e assim vai. Essa relação entre as disciplinas é de vital importância para incutir nos alunos a idéia de preservação do meio ambiente. Olhando para o lado da história de nosso planeta, nos deparamos com civilizações que durante muitos séculos sequer entendiam desse frágil relacionamento: ações dos seres humanos versus as dramáticas consequências no meio ambiente. Assim podemos nos lembrar dos fenícios, gregos, celtas, assírios, godos, ibéricos, germânicos, malaios, chineses, maias, incas e tantas civilizações, lembrar suas ações maléficas ou benéficas ao meio ambiente. Ao apresentar esses temas aos alunos, é vital polvilhar idéias de preservação. O homem chegou às Américas atravessando o Estreito de Bering, no Alasca, durante o último período glacial. Apesar dessa teoria receber muitos ataques, atualmente é ainda a mais aceita. O homem veio, certamente, atrás de caça em abundância e aqui encontrou-a. O número pequeno de habitantes, pouco mais de seis milhões, quando da descoberta do Brasil, espalhados por esse imenso território que é nosso país, e ainda a forma de vida desses habitantes, não permitiram a devastação desenfreada que logo estaria por vir.

Calvino enviou ao Brasil, em 1576, alguns anos após, portanto, uma missão chefiada por Du Pont de Corzuilleray; nela viria também Jean de Lery. Ele nos descreve em um livro de título enorme: "Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil..." editado por La Rochelle, em 1578, a grandiosidade dessa terra que, à época, já estava tomada pelos indígenas havia alguns milhares de anos. Fala de nossa flora, fauna e habitantes e impressiona muito. Já no próprio des-

cobrimento, a carta de Pero Vaz de Caminha nos aponta a exuberância do litoral sul da Bahia. Era assim nosso Brasil, acredita? Mas tem sempre um "mas"; não bastasse o estado em que já se encontrava a Europa, os olhos portugueses, franceses e holandeses voltaram-se ao dito Novo Mundo. O desdém com a população local e seus costumes, a ganância desenfreada, a sobrevivência da máquina e dos governantes levaram à exploração de nossas riquezas naturais. Quem poderia imaginar que a retirada de uma simples árvore, ou centenas, entre tantos milhões, poderia acabar com nossas matas? Para cada árvore de pau-brasil iam-se tantas outras. O palmito e a caça eram alimentos que "jamais acabariam". A terra era fértil, dizia Caminha: "Em se plantando tudo dá". E então veio a cana de açúcar. Quando a terra já esgotada, uma vez que sua fertilidade estava no húmus superficial, nada produzia, bastava derrubar mais um quinhão de mata, mão-de-obra escrava, matas "sem fim", tudo voltava a produzir. O germe que corroía o litoral infiltrou-se pelo interior. Entradas e bandeiras. O ouro, as pedras, as lavras. Passaram por aqui em Piquete e foram às Minas de Itagybá e Lavrinhas, ao sul de Minas. Córregos assoreados, desmatamento, destruição. Entretanto Caminha dizia: "As águas são muitas, infindas". O ouro foi-se para o Velho Mundo assim como o pau-brasil e a fertilidade das terras dos canaviais. Sobram os brasileiros. Mas eles acharam saída, tinham ainda os escravos. Onde ainda existiam matas, surgia um frutinho vermelho. Plantaram café. E sobreveio a abolição dos escravos, a crise, dizia a música em tom jocoso: "Quem andava de automóvel hoje anda de 'a pé', quem comia de faca e garfo, hoje come de 'colhé'. Tira-se o café e no solo pouco fértil colocam-se rebanhos de gado. E se nada fizerem, é melhor que tragam camelos, pois estes se adaptam bem aos desertos. Isso é história e o que ela nos conta se enrola nos romances ambientais. Professor, aproveite, você pode fazer algo pela nossa terra.

Martin Afonso de Souza a caminho de Piratininga. Quadro de Benedito Calixto.



Ainda somos irmãos

Chegou-me às mãos, há pouco tempo, um exemplar do último livro do poeta Manuel Alegre, trazido de Braga pela delicadeza de um amigo, e encontrou-me ansiosa para conhecer seu conteúdo por inteiro.

O nome da obra sugere idéias e instiga os sentidos, pois, lusitano o autor, o título "Senhora das Tempestades" soa nitidamente familiar, trazendo memórias de canções e de poemas brasileiros, e também de criações do cancionista popular.

"Senhora das Tempestades" lembra "senhora das nuvens de chumbo...", "senhora das chuvas de junho...", "deusa pagã dos relâmpagos...", Iansã iorubá que africanos e brasileiros cantam; lembra Santa Bárbara cristã que os católicos invocam. Como se essas invocações tornassem mais próximos portugueses e brasileiros, ainda que somente pelos versos de seus poetas.

Como a responder a essas invocações, ouve-se o lamento de Teresa Salgueiro do Madredeus cantando as dores e as esperanças dos portugueses na língua-mãe, acompanhada pelos versos da bossa nova, tão brasileira quanto universal.

Para completar o entrelaçamento, ainda é possível sentir na pele e na alma o som dos versos de Pessoa ("Ó sino da minha aldeia..."), musicados e cantados com reverência religiosa por Bethânia, como se estivessem dizendo que ainda somos irmãos.

Mistura de sons ("...alquimia de sons Senhora do vento norte"), de acordes, de sinais, de palavras e de sentimentos, a mostrar que distância, tempo e diferenças culturais não apagam as marcas que tornam seres iguais as pessoas do mundo todo; muito mais iguais quando a mãe é a mesma.

Mãe que nos tornou irmãos também do povo do Timor Leste, onde ainda se fala a mesma língua portuguesa, onde os nomes também são Manuel, Belo, Gusmão, Oliveira, e a referência umbilical, gravada na nossa memória, é a mesma que a deles.

Também lá os versos de Manuel Alegre e Pessoa, assim como as músicas do Madredeus, poderiam ter o mesmo significado que têm por aqui; também lá seria possível cantar e ouvir a guitarra portuguesa nas canções interpretadas por Bethânia se a desesperança, a invalidez, a fome de todas as coisas, a falta da luz da cultura não tivessem se instalado nesses quase vinte e cinco anos de trevas. Trevas da intolerância, da prepotência, da ignorância e da arrogância de alguns, encarnadas na violência sem sentido que, por pouco, não causou o genocídio de nossos longínquos e afastados irmãos de pele morena, que hoje mal falam o português e o misturam com o dialeto tetum, na ânsia de encontrar sua verdadeira identidade.

"Senhora das águas transbordantes no cais de súbito vazio

Senhora dos navegantes com teu astrolábio e tua errância

teu rosto de sereia à proa de um navio tudo em ti é partida, tudo em ti é distância".

Quem dera os versos desses poetas e as vozes de todos os cantores conseguissem levar aos nossos esquecidos e aviltados irmãos o bálsamo do conhecimento, a alegria das coisas belas, a generosidade do encantamento, que os pudessem conduzir ao encontro da dignidade e da plenitude como seres humanos. Eunice Ferreira

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

Um Cinquentenário

Findava 1949. O Departamento Educacional da Fábrica Presidente Vargas entregava certificados à primeira turma de ginásianos.

Concluíamos a 4ª série ginásial, correspondente à 8ª série do atual ensino fundamental. Éramos apenas 18 jovens: dez rapazes e oito moças, alguns ainda imaturos, indecisos e um tanto medrosos diante da nova caminhada. Dispersaram-se pela vida a fora. Alguns morreram. Outros, não mais os vi. Vez ou outra chegam-me vagas notícias – onde residem, o que fazem, o número de filhos ou netos...

Seria bom revê-los, ouvi-los, auscultá-los... As lembranças, quando compartilhadas, são mais gostosas, deixam de ser um monólogo, a gente falando sozinho.

Amávamos a escola. Ela era o nosso grande referencial. Nós a amávamos como nossa casa. Ela era o lugar onde nos sentíamos bem – os professores como pais e os colegas como irmãos.

Importante lembrar que nos foi ministrado um ensino de qualidade. O Departamento Educacional visava à nossa educação integral. Mens sana in corpore sano. Preocupava-se com a nossa formação cultural, desportiva, cívica, artística e moral. Felizes os que abeberaram, com consciência, nessa fonte de conhecimentos.

Os professores tinham formação acadêmica. Lembro-me de que quando faltava algum professor, quer de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia ou Ciências, lá ia o nosso diretor, Sr. Lutgardes de Oliveira, a substituí-lo com eficiência. Ele crescia diante de nossos olhos, a sua autoridade se fortalecia e o aureolávamos de respeito e admiração. Ele conduzia a escola com prudência, calma e sensatez. Bastava sua presença para fazer reinar a ordem e a paz. O silêncio era a sua arma, mesmo nos momentos tempestuosos.

A escola dispunha de tudo considerado moderno para a época. Ela era o chamariz para muitos jovens das cidades vizinhas. Quantos rapazes de Lorena sacrificavam-se acordando ainda escuro, para chegar a Piquete no trenzinho dos operários. Desembarcavam na Estação da Estrela e morosamente caminhavam para as aulas, o

sono colado no canto dos olhos.

Professores houve que se destacaram. Além de ministrar aulas para o ginásio, ocupavam-se também com os alunos da Escola Industrial. Alguns passavam o dia todo na escola: Laércio de Azevedo, Osíris de Araújo, Hilton Ênio de Castro Andrade, Antônio César Dória, Miguel Kruse Médice, Edmar Areco, Ciro Areco, Pedro Mazza... Piquete muito deve a esses educadores. Eles nos legaram uma riqueza que desafia o tempo, incorruptível, que nos fez crescer interiormente e continua a ter profundas ressonâncias em nossas vidas.

A formatura dos primeiros ginásianos foi um acontecimento na nossa pacata Piquete de 49. Tudo aconteceu conforme o programado, com muita solenidade – a missa celebrada pelo bispo diocesano Dom Luiz Gonzaga Peluso e o baile de gala, as moças de longo – alvo de curiosidades, e os rapazes de terno azul-marinho e gravata borboleta.

Não participei da cerimônia de colação de grau, devido a algumas faltas excedentes na Cadeira de Educação Física, o que aceitei com certa resignação e estoicismo. Só recebi o certificado após exames escritos e orais realizados em fevereiro. Mas fiz questão de estar presente à missa e ao baile. Afinal, a festa era também minha.

Combinamos nos reunir no quinto aniversário da formatura. O tempo passou e nada concretizado. Agora que estamos comemorando meio século seria interessante um reencontro. Mas muitos não compareceriam e o entusiasmo não seria o mesmo. Melhor que essa reunião aconteça apenas na dimensão da lembrança e a gente vá espiritualmente às salas de aula do antigo Departamento Educacional, para reinventar a agradável convivência, visualizar os gestos de ternura, sentir o calor dos abraços e apertos de mãos... Dóli de Castro, Risoleta Aquino, Rosina Dantas, Cida Teixeira, Elza Bittencourt, Terezinha Maduro, Olga Eklund, Terezinha Páris, Milton Pantoja, Toninho Vieira, João Paula Souza, Luiz Gonçalves, Darci Nogueira, Saturnino Soares da Costa, Antônio Carlos Barbosa, Camacho e Wilson Freitas do Vale...

Foram momentos únicos, sagrados, intransferíveis, eternizados em cada um de nós.

Crônicas Pitorescas

Bye bye século XX

Palmyro Masiero

Bem, aqui estamos escrevendo a última crônica do ano, melhor, do século, ou, “mais melhor ainda”, do milênio. Impressionante! Espero não ser a última da minha vida. Confesso, não estou disposto a encarar a morte de frente; reservei bilhete para o espetáculo de 2000 e apenas estou no aguardo do derradeiro segundo de 31 de dezembro. Se ela chegar antes disso será, uma tremenda molecagem comigo. Afinal, não se dobra de século com muita frequência. E mais: nem preparado estou para enfrentá-la. Sequer imagino a que distância daqui fica a “dita melhor”! Minhas roupas serão adequadas para o “andar de cima?”

Neste século, uns 68,7% de minha insignificante existência ocupou um lugar físico. Tenho boa quilometragem rodada, um viajante de longo percurso. Razão pela qual estou com vontade de dar umas voltinhas nas minhas lembranças.

Quando infante, para se ir de Piquete a Lorena havia duas opções: o piqueteiro ou o Malerba. Claro, também a pé, a cavalo, de charrete, de carroça, de bicicleta, mas só para alguns, sei lá o quê.

No velho piqueteiro muita coisa interessante. Havia, por exemplo, embarcados que levavam frango assado para matar a fome na “viagem”. Farofeiros de “classe”, Estão achando exagero? Porque a maioria não conheceu a nossa velha maria-fumaça. Sua fascinação por dois trilhos suportando cada um uma tesoura de ferro, recobertas por telhas ao lado da linha, era seu fraco: estancava. Não era uma paradinha macia e fofa, não. Parava no tranco! Na ida, uma pegação de latões com leite e na volta a devolução, vazios. E a fuligem que saía da chaminé e invadia todos os vagões... Uma odisséia? Que nada, um barato!

Já na juventude, com alguns amigos embarcávamos sem comprar a passagem. Ficávamos só de butuca no “chefe do trem” que, com seu picotador, vinha rasurando os bilhetes. Conforme aproximava-se, mudávamos para a classe seguinte. Sempre dava... Quando não tínhamos mais para onde fugir – a salvação... O comboio dava sua paradinha! Aí era fácil. Pulávamos e depois subíamos para aquela na qual o furador de passagens alheias já passara. Na volta, latões vazios, o tempo de parada era menor... Resultado? Éramos obrigados a descer, geralmente na estação Cel. Barreiros. O trem partia e corríamos atrás. Loucura? Sem essa... Pra subir a rampa o bicho ofegava, suave... Tranquilamente o alcançávamos. Não era falta de dinheiro, aventura total.

O ônibus do Malerba não era lá nenhum Brastemp (preciso lembrar-me de cobrar pela propaganda). Andava na base da promessa. Dos usuários. A estrada também não ajudava. Era só terra. A cada buraco, dentro do ônibus os viajantes ficavam com órgãos num liquificador, batendo estômago, rins, baço e por aí... Você embarcava em Piquete com camisa branca e chegava a Lorena com ela marrom. Pó puríssimo... Tempo de chuva? Imaginem...

Dá uma saudades... Não sei se das viagens ou da idade que tínhamos. A grande verdade: a vida era uma festa. A pureza dessa festa é que desejo aos corações de todos os amigos neste Natal. Muita saúde & \$\$\$ no próximo ano.

Ciao! Até o próximo século!

PS. - Do jeito que a ciência corre, seria arriscado dizer “até o ano 3000”?



**“Anuncio-vos
uma grande
alegria, que o
será para todo o
povo: nasceu hoje um
Salvador, que é o Cristo Jesus!”**

FCR, Duo de Piano e Fagote e Grupo Vocalis



Foto Alzira Beckmann

Os músicos Adriana Mendes e Cláudio Araújo

No dia 11-12-99, a Fundação Christiano Rosa deu início às suas comemorações de Natal. Um dos eventos da noite, que teve lugar no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa” foi a apresentação do Grupo Vocalis, de São José dos Campos. Houve também um Duo de Piano e Fagote com os músicos Adriana Mendes e Cláudio Araújo.

O Grupo Vocalis foi indicado, em 1998, pelo Mapa Cultural Paulista como o melhor grupo coral do Estado de São Paulo. Obteve, além do 1º lugar, duas menções honrosas. Sobre o Vocalis já foi dito ser um conjunto “limitado de vozes e ilimitado de recursos”, o que o estimula a evoluir, reconhecendo que sempre haverá mais e melhor para realizar no inesgotável universo da música.

Os músicos Adriana Mendes, ao piano, e Cláudio Araújo, no fagote, brindaram-nos com



Foto Alzira Beckmann

Os músicos durante a apresentação no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”.

uma apresentação irrepreensível. Adriana Mendes, formada em Música pela UNICAMP, com mestrado na Syracuse University, nos EUA, é filha do casal Alfredo e Anacyr Araújo, incentivadores e colaboradores da FCR. Cláudio Araújo é formado em fagote pela UNICAMP e está fazendo mestrado nessa reconhecida universidade paulista.

Ambas as apresentações foram assistidas com atenção e deleite pelos convidados presentes a um espaço cultural totalmente decorado com motivos natalinos, o que causava ainda maior comoção.

A noite teve um programa variado com a execução de obras de autores consagrados nacional e internacionalmente, variando do erudito à MPB. A platéia pôde se deliciar com a magia da música, numa oportunidade única para os piquetenses.

FCR e Secretaria Regional de Cultura

A Fundação Christiano Rosa participou, a convite da Secretaria Regional de Cultura do Cone Leste paulista, no dia 30 de novembro de 1999, do “IV Encontro de Dirigentes Culturais do Cone Leste Paulista”.

Nesse encontro, organizado pela Sra. Eliane Machado, Delegada de Cultura, foram feitos comentários sobre as atividades culturais realizadas em 1999, apresentado um questionário para a preparação da programação do ano 2000 e passadas informações gerais a respeito das possíveis parcerias com a Secretaria de Cultura.

Estavam representadas nesse encontro a maioria das cidades do Cone Leste Paulista, através de seus secretários e diretores de cultura.

A FCR está sempre aberta a parcerias e tem obtido ótimos resultados. O evento “Revelando São Paulo” é um exemplo. Foi uma grande chance de mostrarmos uma das grandes potencialidades culturais de Piquete: o tropeirismo.

Dessa forma, a FCR espera trazer para Piquete eventos culturais que venham a enriquecer nossa comunidade.

É Natal

Comemorado no dia 25 de dezembro, o Natal lembra o nascimento de um menino – Jesus Cristo. No entanto, nem as Sagradas Escrituras nem a História relacionam a data com o acontecimento. Foi a partir do Papa Júlio I, no século IV, que determinou este dia como a data de nascimento de Jesus. Aos poucos, a data tradicionalmente foi se consagrando. A festa natalina enraizou-se com o tempo.

Em 1220, graças a São Francisco de Assis, surgiu o presépio, humanizando ainda mais o nascimento do Menino. E a árvore de Natal, embora só surgisse na Alemanha no início do século XIX, conseguiu dar à festa natalina ambiente mais profundamente familiar. De certo modo, os festejos natalinos transcenderam ao aspecto meramente religioso, e o Natal, como símbolo de esperanças renovadas, passou a representar o eterno anseio do homem, em constante busca da Paz, Amor e Alegria.

É quase impossível alguém ficar à margem do Natal. As canções, a alegria das crianças, o colorido das ruas e o sentimento de confraternização e conagração contagia a todos.

No Brasil, além do seu caráter religioso, o Natal assumiu, também, características de festa popular. Em várias regiões do país, Natal dá origem ao verdadeiro ciclo de bailados e autos tradicionais. Até o Dia de Reis, a 6 de janeiro, principalmente nas áreas onde a tradição se mantém mais viva, podem ser vistos o bumba-meu-boi, cheganças, marujadas, congadas, reisados, pastoris e outros festejos, que dão ao Natal o genuíno caráter popular, humanizando-o em comparação com o seu aproveitamento comercial, que ocorre neste período nas áreas urbanas. Mas mesmo ali mantém-se viva a mensagem da fé, que os homens almejam sempre, aspirando à uma vida melhor e mais justa, mais humana, como fora anunciada pelo Menino Jesus.

AC

Mensagem de Natal

Natal é reserva de paz para ressurgir em meio à febre consumista dos aglomerados urbanos movidos pelas engrenagens industriais e manipulados pelos mercadólogos.

O Natal assoma nos corações pelo símbolo da humanidade que representa, na família constituída emblematicamente, num Deus que se faz menino e frágil como os outros, numa mãe que se santifica, num Pai que, por ser Deus, é uno ao próprio Menino e ao Espírito que o revelou, e num artesão que o aceitou. Ele tem, portanto, suprema significação.

Na singeleza dos presépios, as modas se reinventam e as culturas se manifestam.

Permanecem os motivos que, ao olhar encantado de uma criança, nos fazem crer.

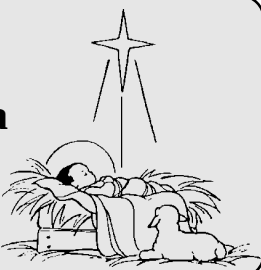
Dóli de Castro Ferreira

Exposição de Presépios

Local: Espaço Cultural Célia Ap. Rosa

De 19-12-1999 a 08-01-2000

Das 09h às 12h e das 14h30min às 19h



REDESCUBRA SUA CIDADE



Praça Leonor Guimarães

Praça Leonor Guimarães

O primeiro nome oficial dessa praça foi “Largo da Matriz”, de acordo com o “Código Municipal” de 1914 (Lei nº 61).

Quando prefeito de Piquete, o Major Carlos Ribeiro da Silva conseguiu, junto ao então diretor da F.P.S.F., Cel. Frutuoso Mendes, que a luz fornecida para o estabelecimento fabril se estendesse até à cidade, com a justificativa de “ser Piquete moradia de funcionários e operários e que este melhoramento beneficiaria aos mesmos”. Provavelmente, como prova de gratidão, o Maj. Carlos nomeou o “largo” como “Praça Gen. Frutuoso Mendes”.

Indicado prefeito de Piquete pelo Gen. Waldomiro Castilho de Lima, Governador Militar de São Paulo, em 1932, o sr. Serafim Moreira de Andrade mudou o nome para “Praça Dr. João Pessoa”.

Através da Lei no 218, de 25 de julho de 1955, passou a denominar-se “Praça D. Leonor Guimarães”, que perdura até os dias atuais.

Leonor Guimarães “nasceu e morreu em Lorena, mas viveu em Piquete...” Viveu no

sentido mais amplo da palavra. Aqui chegou no início de 1927, para assumir sua cadeira de professora no antigo Grupo Escolar de Piquete. Não apenas ensinava: educava. Com uma dedicação invulgar, foi verdadeira mestra-mãe, sempre rodeada de crianças das mais variadas idades. Franzina, humilde e modesta, mas sábia, conquistou não só os pequenos, mas também os adultos. Para estes, praticamente veio a ser a conselheira em que todos encontravam palavras certas, exatas, para minimização de problemas.

Foi catequista por excelência da fé católica e quem preparou a primeira turma para a comunhão realizada na cidade. Fundou a Cruzada Eucarística, da qual foi diretora até sua mudança definitiva para Lorena. Teve também papel preponderante na fundação da Pia União das Filhas de Maria. “Graças aos seus dotes, era sempre estimada e respeitada, com verdadeira veneração...”

Faleceu em Lorena, no dia 26 de maio de 1955. Toda Piquete chorou.

Notas da Cidade

□ Aconteceu, de 09-12 a 12-12, na Estação Estrela do Norte, a exposição “Conheça a sua IMBEL”. Na mostra foram apresentados todos os produtos fabricados pela empresa. Parabéns à organização.

□ O Sr. Oswaldo Peixoto inaugurou, no dia 12-12, na Cantina Pérus, uma exposição de fotografias com o título “Minha Família, Minha Cidade, Meus Amigos”. Parabéns pela iniciativa!

□ No dia 09-12 ocorreu, na FIN’ARTE Galeria de Arte, em São Paulo, o lançamento do livro “Gestão Comercial”, de autoria do Sr. José Antônio Gonçalves, gerente geral da Caixa Econômica Federal de Piquete. Parabéns ao autor.

□ A Casa da Agricultura de Piquete organizou, no dia 02-12, no bairro dos Marins, uma palestra sobre Associativismo desenvolvida pelo Instituto de Cooperativismo e Associativismo (ICA).

□ No dia 12-12 ocorreu, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, uma belíssima apresentação musical dos alunos da Professora Marilda Raffoul. Na ocasião se apresentaram também vários artistas de Piquete e de cidades vizinhas. A apresentação foi um sucesso: foram apresentados, de improviso, vários números de piano, violino, bateria, teclado, trompete e vocal. O Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa” foi criado para sediar eventos como este e a FCR sente-se honrada em colaborar com o trabalho de grupos que divulgam a cultura em nossa cidade.

□ A Polícia Militar do Estado de São Paulo realizou, no dia 09-12, na E.E.P.S.G. “Profa. Leonor Guimarães”, mais uma formatura do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – Proerd. Esse trabalho é de grande importância para nossas crianças e vem sendo muito bem aplicado pela Polícia Militar em várias cidades do Estado.

Ano 2000

Estamos todos nós diante de um número mágico fortemente recheado de elevada dose de misticismo. Mágico, porque é o marco da presença de um ser que há 2000 anos ganhou forma humana e viveu entre nós por trinta e três anos. E, nos últimos três anos de sua vida difundiu conceitos que lançaram as bases do Cristianismo, pregou o amor ao próximo e o respeito às leis instituídas, aceitou ser crucificado e acenou de forma clara que a morte é um fenômeno natural e esperança de continuidade da Vida. Passado todo esse tempo, o conjunto desses conceitos continua sendo discutido e está servindo de base para as discussões sobre a violência no mundo e, em seu nome se fala em PAZ.

Quanto ao lado místico deste ano 2000, um leque de profecias bíblicas e não bíblicas aponta para o início de um período de grandes transformações que influenciarão nos destinos da humanidade. E tudo que é novo e diferente sempre causou medo e temor ao homem. O que virá com o início de um novo milênio é uma grande incógnita, mas arriscaremos uma especulação. Pelo lado científico, acreditamos que a era da Física dará lugar à era da Biotecnologia, que contará com o estímulo das ainda inovações da Informática. Isso sim, poderá causar medo e criar pânico na humanidade, uma vez que o código genético dos seres vivos será, literalmente, manipulado, proporcionando a criação de seres por encomenda. Com isso, o sentido da criação será amplamente discutido nos aspectos técnico, ético, moral e religioso. Esse quadro poderá sentir os efeitos de um fator complicador, uma vez que projeções apontam para grande ocorrência de fenômenos ditos naturais: terremotos, fortes chuvas torrenciais, inundações, furacões, etc.. Tudo isso como consequência da necessidade do nosso planeta de encontrar um novo ponto de equilíbrio em função das enormes agressões ao meio ambiente provocadas pelo homem, principalmente a partir da metade do século dezenove. Tudo indica que estaremos entrando em período de grande turbulência. Talvez devamos acreditar que esse novo tempo servirá para impor ao homem aquela que, certamente, é a máxima de maior importância para o Cristianismo: o amor a DEUS e ao próximo. Com isso, a humanidade poderá encontrar o rumo da solidariedade, da amizade, do amor e da aproximação com o Criador, como pregado há 2000 anos por Aquele que mostrou ao homem o caminho da fé, da esperança e da Vida. Quanto a nós, esperamos que nossas idéias e pensamentos tenham continuidade por um bom tempo no despertar de um novo milênio. E que, de alguma forma, venham contribuir para as mudanças tão necessárias ao nosso país e, em particular para nossa Piquete, que está por exigir grandes transformações. A todos os piquetenses, um feliz ano 2000.

Celso Colombo